FASCISMO E JUDAÌSMO

William Joyce, nascido nos Estados Unidos, propagandista da B.U.F. (British Union of Fascists) e posteriormente famoso locutor de rádio para a Alemanha, foi executado por traição após a guerra, mesmo tendo nascido na América, vivido na Alemanha, possuído cidadania alemã e renunciado à cidadania britânica.

Por quê, você pergunta?
Por um programa de rádio! Após ser morto por seus inimigos por enforcamento, ele foi enterrado dentro dos muros da Prisão de Wandsworth, em uma sepultura sem identificação, e não foi permitido que tivesse enlutados presentes. Seu corpo sem vida foi jogado em um buraco no meio da noite, sem palavras ou cerimônias, como um pedaço de lixo, e colocado em cima dos restos de outro homem, um assassino chamado Robert Blaine, que havia sido enforcado cinco dias antes!

William Joyce ingressou na British Union of Fascists em 1933. Ele cunhou o axioma da B.U.F:

"Se você ama seu país, você é Nacional. Se você ama seu povo, você é Socialista. Seja um Nacional Socialista."

A National Socialist League (NSL) foi formada em 1937 por William Joyce, John Beckett e John Angus MacNab como um grupo dissidente da British Union of Fascists. O lema do partido era **"Steer Straight"** (Siga Reto) e sua ideologia baseava-se em um documento de 1937 publicado por Joyce intitulado *National Socialism Now* (Nacional-Socialismo Agora). O texto defendia uma versão especificamente britânica do Nacional-Socialismo (que seria necessária para todos os países que adotassem o NS).

Mas Joyce tinha um destino só dele e, em maio de 1939, a NSL realizou sua última reunião. Pouco tempo depois, Joyce foi para a Alemanha para cumprir seu glorioso destino.

Ele foi capturado em 28 de maio de 1945 por soldados britânicos. Como havia nascido na América, a Grã-Bretanha não pôde julgá-lo por traição, embora tenham tentado. Nas duas primeiras acusações de traição, ele foi considerado inocente. Mas seus inimigos estavam determinados a vê-lo

morto. Levantaram outra alegação absurda e o declararam culpado de “Aderir aos inimigos do Rei fora do reino do Rei”.

O historiador Nigel Farndale revelou evidências que sugerem que um acordo foi feito entre Joyce e o serviço de inteligência britânico, o MI5. O acordo: o silêncio de William Joyce em troca da vida de sua esposa, que também estava presa na época. Eles sabiam que não tinham nada contra ele, então usaram ameaças e intimidação. William amava Margaret, e eles sabiam disso.

No dia seguinte ao assassinato de William, sua esposa foi informada pelo diretor da Prisão de Holloway que deveria arrumar suas coisas. Poucas coisas que tinha, pois a maioria já havia sido roubada por “caçadores de lembranças”.

Ela recebeu ordens de ser "devolvida ao Continente", disse o diretor, embora ele não soubesse para onde exatamente. Na manhã seguinte, ela foi levada sob escolta armada até o aeroporto de Croydon para um voo até uma prisão militar em Bruxelas. Duas semanas depois, o Major J. F. E. Stephenson, do MI5, enviou um memorando ao chefe do Bureau de Inteligência Britânico lá. Dizia:

"Foi decidido pelas autoridades no Reino Unido não processar esta mulher, efetivamente por razões humanitárias. Não faltam provas implicando-a nas atividades traiçoeiras de seu falecido marido; mas as autoridades não acham que ela deva ser punida ainda mais, e gostariam que ela fosse devolvida à Alemanha como cidadã alemã."

O motivo oficial pelo qual Margaret não foi julgada e enforcada junto com seu marido: ela era cidadã alemã! Que hipocrisia! Admitir que Margaret era cidadã alemã é admitir que William também era!

O juiz assassino que condenou Joyce à morte disse:

"William Joyce, a sentença deste tribunal sobre você é que seja levado deste local... até o local de execução, e que lá seja enforcado pelo pescoço até que esteja morto... E que o Senhor tenha misericórdia da sua alma."

Alguns dias antes de ser assassinado, em 28 de dezembro de 1945, ele escreveu uma carta à sua amiga, Miss Scrimgeour:

"Confio, como você, que as obras das minhas mãos florescerão após minha morte; e sei que há muitos que manterão minha memória viva. As orações que você e outros têm feito por mim foram e são uma grande

fonte de força para mim: posso dizer que estou completamente em paz com minha mente, plenamente resignado à vontade de Deus, e orgulhoso de ter permanecido fiel aos meus ideais até o fim. Certamente não trocaria de lugar nem com meus algozes, nem com aqueles que renegaram. É precisamente por meus ideais que serei morto. São os ideais que os mestres hebraicos deste país temem; quase tudo o mais pode ser comprado com o dinheiro deles: e, como aconteceu com o Terceiro Reich, o que eles não podem comprar, buscam destruir: mas alimento a esperança de que, antes do último segundo, o público britânico desperte e se salve. Não lhes resta muito tempo agora."

Poucos dias antes de sua morte, no Dia de Ano Novo de 1946, ele escreveu para sua amada esposa e camarada:

"À medida que me aproximo da Beira do Além, minha confiança na vitória final aumenta. Como ela será alcançada, não sei: mas nunca me senti menos inclinado ao pessimismo, embora a Europa e este país provavelmente tenham que sofrer terrivelmente antes da vindicação de nossos ideais..."

Em 3 de janeiro de 1946, ele foi executado. Tinha quarenta anos. Foi a penúltima pessoa enforcada no Reino Unido por um crime que não fosse homicídio. Eles realmente trouxeram de volta a pena de morte especificamente para assassiná-lo.

Antes de morrer por suas convicções, ele escreveu:

"Na morte como na vida, desafio os judeus, que causaram esta última guerra, e desafio o poder das trevas que eles representam. Advirto o povo britânico contra o imperialismo esmagador da União Soviética. Que a Grã-Bretanha seja grande mais uma vez e, na hora de maior perigo no Ocidente, que o estandarte seja erguido da poeira, coroado com as palavras – Mesmo assim, você venceu. Tenho orgulho de morrer por meus ideais e lamento pelos filhos da Grã-Bretanha que morreram sem saber por quê."

Durante o enforcamento, sua cicatriz proeminente se abriu em uma cena sangrenta. O sangue escorreu por seu corpo e se acumulou aos seus pés.

Suas últimas palavras antes de ser assassinado foram: ***"Inocente."***

FASCISMO E JUDAÌSMO

Por William Brooke Joyce 1933

O FASCISMO na Grã-Bretanha havia avançado apenas um pouco quando foi atacado por forças cuja existência o Líder, apesar de sua grande experiência política, não havia sequer imaginado ao iniciar a Cruzada. A maior dessas forças, nunca antes mobilizada contra os antigos partidos, revelou-se ser o poder do Judaísmo organizado, hoje mobilizado contra o Fascismo, que há muito tempo se recusa a lhe ser submisso.

Porque o Fascismo soube como resistir a essa ameaça estrangeira no meio do povo, os judeus levantaram por toda a nação o grito de perseguição religiosa e racial. No entanto, em milhares de discursos fascistas, ficou claro que o Movimento reconhece e observará os princípios de completa liberdade religiosa; enquanto a diversidade racial do Império torna absurda a sugestão de que o conceito de perseguição por motivos raciais seja sequer considerado pelos fascistas. Este Movimento não ataca os judeus pelo que eles são, mas resiste a eles pelo que eles fazem. Eles ousaram, em sua grande imprudência, desafiar uma força conquistadora da era moderna, e esse desafio precisa ser respondido. Os judeus nos atacaram fisicamente onde havia seis judeus para cada camisa-negra. Onde quer que a oposição organizada se manifeste em nossos comícios ao ar livre, pode-se ver, atrás de uma fileira de policiais, em segurança, uma massa de rostos judaicos bestiais, contorcidos em caretas horríveis e obscenas.

Além da observação direta, os registros dos Tribunais fornecem uma prova irrefutável da nossa acusação. Em toda a população, apenas seis em cada mil pessoas são judias, e ainda assim, das pessoas condenadas durante 1934-35 por crimes contra fascistas em reuniões fascistas, ou a caminho de casa após essas reuniões, mais de vinte por cento eram judeus. A única inferência possível é que dentro da comunidade judaica existe uma propaganda feroz e inflamável contra o Fascismo. Os Tribunais fornecem ampla evidência de que o ataque ao Movimento é liderado pelo Judaísmo e, é importante notar, antes de retaliarmos já tínhamos provas desse fato. Durante os cinco meses anteriores à resposta do Líder ao Judaísmo no Albert Hall em 28 de outubro de 1934, cinquenta por cento das pessoas condenadas por ataques a fascistas eram judeus. Não resta muita dúvida de que os outros cinquenta por cento estavam sob influência judaica.

O ataque dos sub-homens judeus também não tem sido apenas físico. Eles não hesitam em empregar os mais grosseiros e vis recursos de calúnia e difamação contra nossos membros. Apenas alguns meses atrás, um dos principais propagandistas do Movimento foi vítima da monstruosa acusação impressa de que teria se apropriado de fundos destinados a uma associação de ex-combatentes da qual ele havia sido presidente.

Desnecessário dizer que o oficial fascista foi completamente absolvido em tribunal, os judeus sequer apresentaram provas ou compareceram. Ele recebeu uma indenização de 700 libras esterlinas, além das custas processuais, mas o

mecanismo judaico para evitar esse tipo de obrigação é tão eficiente que ele não recebeu um centavo.

Da mesma forma, temos relatado e provado, sem contestação, caso após caso de perseguição a fascistas por parte de empregadores judeus. Muito antes de termos entrado em confronto com os judeus, empregadores hebreus já haviam demitido trabalhadores britânicos por nenhuma outra razão além de serem camisas-negras, e não é suficientemente conhecido o fato de quantas vezes neste país um comerciante oriental pode condenar um homem ou mulher britânicos à fome. O verdadeiro centro do ataque judaico, no entanto, é a chantagem e a coerção contra empresários britânicos cujos nomes não podem ser revelados porque a exposição pública os arruinaria. Eles frequentemente procuraram o Líder, assegurando-lhe sua concordância com a Política do Movimento e seu desejo de ajudar, mas quase sempre acrescentaram que seus negócios seriam arruinados pela influência judaica caso suas simpatias fossem conhecidas.

Se essa influência imoral impede o homem de negócios comum de agir de acordo com suas convicções políticas, quão maior não deve ser a influência das finanças judaicas sobre os políticos que supostamente governam o país? O pequeno judeu na sarjeta, que insulta a Coroa e a Bandeira, é uma anomalia impertinente a ser removida o mais rápido possível, mas o grande financista judeu, que dita ordens tanto ao Governo quanto à Indústria, constitui de longe o maior perigo para a nossa terra. Na Itália, há apenas 30.000 judeus; na Alemanha, 600.000; e na Grã-Bretanha, 300.000. Como os alemães têm o dobro de judeus que nós, eles estão em melhor posição para perceber o perigo, pois encontram judeus por toda parte. Na Grã-Bretanha, o perigo é mais insidioso porque as operações do Judaísmo são cuidadosamente disfarçadas. Alguns jornais estão abertamente sob controle de proprietários judeus, mas outros, que aparentemente estão livres desse controle, ainda assim são obrigados a aceitar as imposições dos hebreus por medo de perder os anúncios que os judeus fornecem, e dos quais suas receitas dependem em grande parte.

Nenhum movimento nacional pode tolerar uma ameaça desse tipo. O Judaísmo organizado, por outro lado, está obrigado a combater qualquer movimento nacional que ensine que o povo tem pleno direito de utilizar ao máximo os recursos de sua própria terra, porque o uso pleno da riqueza nacional e imperial só é possível onde o povo esteja livre da tirania das Finanças Judaicas Internacionais, que deliberadamente restringem a produção de riqueza com base na suposição de que os frutos da terra são destinados a uma pequena classe parasitária, composta principalmente por orientais que não têm senso de obrigação com o Ocidente nem sentimento de afinidade com os povos ocidentais. Um pequeno, mas importante exemplo dessa atitude pode ser visto na progressiva ruína dos comerciantes britânicos pelos proprietários judeus de redes de lojas neste país.

O judeu concede sua lealdade ao seu próprio povo e geralmente é incapaz de oferecê-la a qualquer outro, portanto, ele deve ser considerado e tratado como um

estrangeiro, que dá prioridade absoluta aos interesses de seu próprio estado invisível, intangível, mas, ainda assim, real e muito poderoso; e esse estado secreto, porém poderoso, não pode ser permitido existir dentro das fronteiras de qualquer outro estado que pretenda se chamar Nacional ou livre. Nunca o perigo desse "estado dentro do estado" foi tão claro como nos tempos recentes. O poder organizado do Judaísmo, por interesse racial, tem consistentemente se esforçado por mais de dois anos para fomentar a política da guerra. Como os judeus perderam seu poder na Alemanha, buscam recuperá-lo através do sacrifício de homens e mulheres britânicos numa guerra. Por causa do boicote judeu contra a Alemanha, Lancashire sofreu pesadas perdas. As frotas de arenque estão paradas porque os judeus foram parcialmente bem-sucedidos em impedir que a Alemanha comprasse no exterior. Em todas as tribunas e em todos os jornais que controlam, eles se esforçaram para despertar neste país os sentimentos e as paixões de guerra contra uma nação com a qual fizemos a paz em 1918.

Eles precisam aprender, por meio de uma experiência dura como ferro, que, tendo lutado contra a Alemanha uma vez por uma disputa britânica, nosso povo não lutará novamente contra a Alemanha por uma disputa judaica. O prestígio britânico foi arruinado e nossa nação foi levada à beira da guerra porque, sob a presidência do judeu Litvinoff (também conhecido como Finkelstein), os Social-Democratas em Genebra tentaram intimidar a Itália com ameaças de violência armada, pouco se importando com Hailé Selassié, mas muito interessados no potássio abissínio, zombando secretamente do mito da Segurança Coletiva, mas extremamente ansiosos por estabelecer, com ações contra a Itália, o precedente para ações contra a Alemanha no dia em que seu povo não mais suportar as persistentes tentativas bolcheviques de mergulhá-los em Revolução Vermelha e Guerra Civil.

Os banqueiros judeus financiaram a Rússia Soviética por dois motivos: primeiro, porque, dos 500 principais oficiais dirigentes na Rússia, mais de 400 são judeus; e segundo, porque os hebreus, não tendo um exército próprio, estão determinados a usar as vastas forças militares da Rússia para destruir o nacionalismo e o espírito de liberdade que se revoltaram contra a tirania da fome financeira internacional judaica.

Essa é a sombria verdade da situação europeia de hoje. Os judeus controlam e movimentam tanto o decadente capitalismo democrático quanto o horrível comunismo fratricida. Usando ambos os instrumentos, esperam impedir que todos os povos brancos alcancem a liberdade de desenvolver plenamente seu próprio destino econômico. Somente com a derrota do Judaísmo a Grã-Bretanha poderá ser livre.

A imprensa tem caracterizado habitualmente os ataques físicos contra fascistas nas ruas como levantes espontâneos de ingleses contra o fascismo. Para que não sejamos tentados a pensar que os lares de nossos trabalhadores e os salões de nossas antigas famílias tradicionais mudaram tanto de caráter, vejamos uma lista

típica dos "ingleses" que foram condenados por excesso de zelo nesses "levantes espontâneos":

Levitas, Rigotsky, Schaeffer, Fenelblom, Aarons, Saposnick, Goldberg, Santi, Kraforski, Elderman, Distelmann, Fergenbaum, Goldstein, Faber, Ziff, Kerstein, Sternlight, Minskey, Jalsberg, Georgiads, Silverman, Brenden, Freeman, junto com vários Cohens e Becows.

Esses pequenos sub-homens são um incômodo a ser eliminado, mas seus ricos instigadores e controladores, bem conhecidos por nós, são, em suma, uma monstruosidade criminosa, pela qual nem todo o ouro do Judaísmo poderá pagar a justa compensação que exigiremos e obteremos.